



Escorrendo pelos dedos

de Talita Baldin

Peça escrita durante a Oficina Regular
do Núcleo de Dramaturgia Sesi PR . Teatro Guaíra,
sob orientação de Andrew Knoll,
no ano de 2012.

Escorrendo pelos dedos

Texto de Talita Baldin

Personagens:

Laura e Diego

Vozes masculina e feminina

L: Será que vai chover? Há tempos o tempo tem me enganado. Queria chuva e ele faz sol, eu pronta para ir à praia e ele emburra. Mas tudo passa. O tempo passa. E eu corro para passar o tempo.

D: Qual o problema?

L: Hã?

D: Perguntei qual é o problema, o que há contigo? Faz três semanas que você não fala direito comigo.

L: Não há nada. E mudemos de assunto.

(Pausa longa. Laura sai de cena e retorna com malas)

L: Me abraça. Vou embora.

D: Vai me deixar por quê?

L: Há coisas que sinto que preciso dizer. Que preciso fazer.

D: Então diga. Quero ouvi-las.

L: É silêncio.

D: Silêncio? Silêncio de que você vai silenciar ou quer que te silencie?

L: Tanto faz. Dá na mesma.

D: Vai sozinha?

L: Sozinha. Estava a 140 por hora. Mas ia me encontrar lá. Te deixei no trabalho e o outro me esperava. Esperava, porque pedi para esperar. Antes disso te beijei e disse que

te amava. Disse que queimaríamos o mundo e que te amava. Um amor que queima a 150 por hora.

D: (*Afasta-se dela*) Eu entendo. (*Laura olha-o com desconfiança*) Vai. Não falo nada. Mas corre que logo chegam e te prendem. Não garanto nada.

L: O que quer dizer?

D: Você sabe o que quero dizer. As coisas às vezes voltam. Às vezes vão e não voltam. Às vezes só voltam e nunca vão.

L: Pare com isso (*toca-o no rosto*). Não vão voltar. Mas eu sim.

D: Por quanto tempo?

L: O quê?

D: Por quanto tempo vai ficar fora?

L: Não sei. Algumas semanas, alguns meses talvez. O suficiente.

D: Suficiente para quem?

L: Para ambos. Até que seque o vermelho no chão do quarto e o raspem, como se raspa um coração.

D: Então me deixa! Quero ficar sozinho! E você só sabe me julgar! Eu quero ME ACABAR!

L: (*Bate no rosto dele*) Não fale assim comigo. Não grite. Desculpe.

D: Então me beija.

L: O quê?

D: Se ainda gosta de mim, me beija.

L: Não disse que ainda gosto de você. Nem que vou te beijar.

D: Por quê?

L: Por que o quê?

D: Deve ter sido muito ruim, não é?

L: O quê? Ter ficado com você esses anos todos?

D: Não. O que fez ontem a noite. Você não consegue fingir. Você só tenta ser fria, mas sente. Como teve dó de sacrificar teu cachorro envenenado, Aos doze anos. Você chorou. E chorou ontem também. E pegou teu carro e veio chorando até aqui, pela manhã, quando chegou ao elevador do apartamento e cumprimentou o Benjamin. Ele viu em teus olhos o que tinha feito.

L: Eu não disse isso.

D: Pouco importa. Sei que quis dizer.

L: Eu não disse e não quis dizer, mas pouco importa para você também se...

D: Não quero saber. Se a noite de ontem foi ruim, dane-se você.

L: E voltamos nisto?

D: Pois se nunca saímos. Não saímos porque você não quer. Sempre precisa trocar de roupa e retocar a maquiagem, mas teu cabelo continua imundo e oleoso. Tuas mãos sujas de...

L: Mudemos de assunto.

D: De novo? E já não mudamos?

L: *(Com fúria)* Quando você chegou, ninguém sabia de onde vinha. Nós tínhamos de catorze para quinze anos e você dezessete. Mas nunca soubemos de você. De onde vinha, quem eram seus pais, onde estava sua família. E você sempre viveu sozinho por aí. Eu achava o máximo conhecer um cara que se virava sozinho. Acho que foi por isso que me apaixonei por você.

D: Já acabou?

L: Sim. E é hora de ir.

D: Então vai, me vendo assim, todo bagunçado.

L: Se você tivesse deixado tudo para trás, de verdade, não estaria aí deste jeito. Cheirando que nem maluco porque sua namorada vai ficar um tempo fora. Você nunca é o mesmo. Nós sabemos que você chora sozinho no banheiro no meio da madrugada. Eu já te vi escrevendo alguma coisa por horas e depois rasgando e queimando com o isqueiro.

D: De noite?

L: O quê?

D: De noite, de dia, durante todas as horas dessa vida triste e empoeirada que nos caem pelas canelas, pelas calçadas. Me viu e basta?

L: Mudemos de assunto.

D: Mudamos de novo. Hoje chove?

L: Chove. Hoje chove dentro de casa, a toalha molhada pinga gotas de sangue no chão. O guarda-chuva inunda o box do banheiro, te encontro de madrugada, nu, pés molhados

com as gotas intermináveis de uma noite toda de goteira no teto da sala. Pinga, pinga, pinga. No chão.

D: Molha tua cama. Escorre pelas tuas mãos. O que você fez na noite passada? Roubou que coração?

L: Você é maluco. O que importa? Que te importa quem foi o desgraçado que dormiu ao meu lado em um quarto de hotel barato à beira da estrada, se só pingava água no chão? Já viste o último brilho nos olhos de alguém?

D: Não me importa o que te dói. Cala a boca e vai embora.

L: Me beija?

D: Cai fora.

L: Engole teus versos e te afoga com tua alma. Ninguém te entende agora.

D: Não! Vou eu embora. Como se não houvesse acordado, como se nunca houvesse dormindo, como se jamais tivesse desejado um fio de vida escorrendo pela ponta dos meus dedos da mão. *(Faca em punho)*

(Black out, um grito)

Voz masculina: Te vi indo embora. Tua silhueta larga e magra me abandonando na melhor hora. Pois disse que nada de mim sairia a não ser umas noites bem malhadas na fina corrente do grito. Que levaria tuas palavras e facas amaldiçoadas pela noite adentro e deixaria do lado de fora. Do lado de fora, sim, da casa, da porta, do carro, da hora. Fora do tempo que queima a memória que leva uma mulher a chegar perto de um homem e queimar, queimar até fim. tocar nesse teu corpo quente, ardente como flores de fênix esperando a brasa cessar. Virar poeira e ao mesmo tempo gelo, gelo seco que sem delongas avança no ar. Virar água morna e salgada. Lágrima que escorre da parede de templos em dias de sol. Escorrendo vivas e inteiras, grandes, traiçoeiras, escorrendo pelos dedos da mão. Essa tua mão que me toca e esbofeteia. Mas caio. Firme como a noite, flácido como o dia. Caio e escorro pelo ralo que fede pútrido na beira do asfalto. Na rua do beco. Escorro. Escorro como escorrem tuas palavras e tua vida, como escorrem teu sangue e teu lamento. Escorro como baba de cão sarnento. Escorro e corro pelas pontas dos teus dedos. *(Olha o céu em contemplação. É noite de primavera.)*

Voz feminina: Me viu indo embora. Me viu e não pediu para ficar. Não me beijou pela ultima vez antes de partir, não me deixou sonhos escritos com letras em neon no céu da meia noite. Me viu indo embora e deu as costas. E me deu coisas que prometera e até então não cumprira. E então, coloco todos os meus desejos pífidos em taças de cristal e bebo, me afogando em meu choro, e te ofereço, me desmanchando em meus pesadelos

de noites mal dormidas. Eu, que tenho uma pedra de gelo entalada na garganta, que amarro meus sonhos como se fossem borboletas que não posso deixar voar para não perder, para não me abandonarem, pois sou sozinha e incapaz de viver sem que me sigam e me perguntem, e me desejem, e que me digam que precisam que eu viva.

Voz masculina: Porque ainda não decidi se salvar.

Voz feminina: Porque ainda não decidi me salvar. E então o preço que pago é deixar que outros me salvem. É pagar com o sangue de outros. Eu, que não sei lidar com o que perdi, para quem a morte de um desejo é só o princípio de um longo fim, duro, triste e doloroso.

Voz masculina: Para quem a vida é como estas lágrimas, que correm quentes por uma face clara e sem graça, que saem de olhos que se contrastam com o fogo de um coração partido que deixou de tentar. Como se jamais tivesse desejado um fio de vida escorrendo pela ponta dos dedos da mão.

Voz feminina: Já vistes o último brilho nos olhos de alguém? Eu já. Na noite passada.

(Gargalhada)